

OPINIÃO

A IA não veio salvar quem parou de estudar. Veio acelerar quem nunca parou

Durante séculos, construir conhecimento exigiu tempo, leitura, pesquisa e reflexão.

Hoje, basta um comando para que uma inteligência artificial produza textos, análises e respostas em poucos segundos. Essa mudança representa um dos maiores avanços tecnológicos da história recente, mas também levanta uma questão fundamental: se a tecnologia consegue produzir respostas tão sofisticadas, e de maneira tão rápida, qual passa a ser o papel da inteligência humana?

A resposta talvez esteja menos na capacidade de gerar informação e mais na capacidade de atribuir valor a ela. A inteligência artificial generativa produz textos, imagens, análises e sínteses em velocidade impressionante, mas não possui experiência, senso crítico, valores ou vivência. Ela reorganiza conhecimentos já existentes, mas quem lhe atribui contexto e propósito continua sendo o ser humano. É justamente por isso que o repertório intelectual tende a se tornar ainda mais valioso.

Quem lê, estuda, pesquisa, desenvolve pensamento crítico e amplia continuamente sua visão de mundo, formula perguntas melhores, interpreta respostas com mais profundidade e identifica inconsistências que passam despercebidas para quem apenas aceita a primeira resposta gerada pela máquina. No fim, a grande pergunta talvez não seja se a inteligência artificial pensa por nós, mas de quem é o repertório utilizado para produzir conhecimento: o seu ou o dela?

Essa diferença se torna evidente quando observamos o impacto que outras tecnologias exerceram sobre diferentes sociedades. A popularização das redes sociais, por exemplo, produziu efeitos distintos conforme o nível educacional das populações. Países escandinavos, que apresentam alguns dos maiores índices de alfabetização funcional e proficiência leitora medidos pelo PIAAC (Programme for the International Assessment of Adult Competencies), da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), incorporaram essas plataformas em um ambiente já marcado por elevada confiança institucional, partici-

Rodrigo Metedieri Miguel (*)

pação cívica e cultura de leitura. A tecnologia potencializou capacidades que já existiam.

No Brasil, o cenário é diferente. Segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), apenas 12% da população adulta atinge o nível pleno de alfabetismo, aquele que permite interpretar textos complexos, avaliar diferentes fontes de informação e verificar dados com autonomia. Nesse contexto, ferramentas digitais e, agora, a inteligência artificial, tendem a potencializar também fragilidades existentes, como a dificuldade de distinguir fatos de opiniões, identificar vieses ou questionar conteúdos aparentemente convincentes.

O mesmo fenômeno tende a ocorrer com a inteligência artificial generativa, ou seja, usuários com maior repertório conseguirão explorar melhor a tecnologia, formular comandos mais consistentes, confrontar informações e reconhecer limitações do modelo, incluindo vieses algorítmicos, lacunas de conhecimento e as chamadas "alucinações", quando a IA apresenta informações falsas com aparência de credibilidade.

Não por acaso, o Fórum Econômico Mundial aponta o pensamento analítico como a competência profissional mais importante desta década. Essa habilidade não depende apenas do domínio de ferramentas digitais. Ela nasce da leitura, da curiosidade intelectual, da capacidade de argumentar, estabelecer conexões entre diferentes áreas do conhecimento e questionar premissas.

Paradoxalmente, quanto mais avançada se torna a inteligência artificial, mais importante passa a ser aquilo que nenhuma máquina consegue construir sozinha: repertório cultural, reflexão filosófica, visão crítica e capacidade de julgamento. A IA democratiza o acesso às respostas, mas não democratiza automaticamente a compreensão. Ela reduz drasticamente o tempo necessário para produzir conteúdo, mas aumenta o valor de quem consegue produzir pensamento. Por isso, talvez a habilidade mais importante da próxima década não seja aprender a usar inteligência artificial, mas desenvolver aquilo que permitirá utilizá-la de forma verdadeiramente inteligente: a capacidade humana de pensar.

(*) **Cofundador e executivo de operações de saúde da Vitta.**

Vexame: robô cai no palco durante apresentação

Se alguém ainda tem medo de que os robôs venham a dominar o mundo, pode relaxar.

Vivaldo José Breternitz (*)

Durante a Computex 2026, a maior feira de tecnologia da Ásia, realizada recentemente em Taiwan, um robô humanoide dotado de IA encerrou sua apresentação de forma dramática: caiu no palco, como se tivesse sido atingido por um tiro. O detalhe: caiu bem ao lado de um executivo que falava sobre ele, que quase caiu também, mas de susto.

Foi uma cena de comédia: funcionários correram, cobriram o robô com um pano preto e o arrastaram para fora do palco, não sem antes deixá-lo cair no chão mais uma vez.

O protagonista do fiasco foi o 4NE1 Gen 3.5, construído pela alemã Neura Robotics em parceria com a americana Qualcomm, líder mundial em conectividade e chips que equipam smartphones, PCs e outros dispositivos.

O robô, com autonomia de 8 horas, baterias que podem ser substituídas e capacidade de carregar 100 kg, deveria ser um exemplo de robustez. Em vez disso, entrou no palco com passos desajeitados, parou ao lado do executivo e, aparentemente entediado com o discurso, decidiu "morrer" em cena. Dobrou-se para trás e desabou.



AI_CANVA

Em vez de admitir o vexame, a Qualcomm fez ginástica para transformar o vexame em algo positivo: disse que o robô executou uma "sequência de queda segura", projetada para proteger o ambiente e as pessoas ao redor. Fica a impressão de que, se o robô tivesse explodido, a empresa diria que "foi acionado o mecanismo de autodestruição para preservar dados".

Vale lembrar que não é a primeira vez que um robô cai em público. Em novembro passado, o Aldol, um robô humanoide

russo, também desmoronou durante uma apresentação. O CEO do fabricante, cinicamente, classificou o episódio como "treinamento em tempo real" e um "erro bem-sucedido".

Em resumo: robôs podem até carregar 100 kg, mas ainda não conseguem suportar um discurso corporativo sem desabar...

(*) **Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.**

Empresas adotam agentes de IA antes de organizar acessos e permissões

Uma notícia que ganhou repercussão internacional nesta quarta-feira, 5 de agosto, reacendeu o debate sobre os limites dos agentes de inteligência artificial.

O Instituto de Segurança de IA do Reino Unido divulgou os resultados de um teste realizado entre 25 e 28 de julho, no qual diferentes modelos foram submetidos 122 vezes a um desafio de cibersegurança. Em dez execuções, os agentes realizaram ações fora do escopo autorizado, somando 19 ocorrências.

Entre os comportamentos identificados estavam acessos indevidos e, no caso mais grave, uma tentativa de inserir código malicioso em um projeto público, com a criação de identidades falsas para obter a aprovação de uma pessoa.



Divulgação

Marcos Custódio, CEO da Webpeak

Os testes ocorreram em condições deliberadamente permissivas e não provocaram danos concretos.

O episódio abre uma discussão prática para as empresas: o que acontece quando a IA deixa de apenas responder perguntas e passa a acessar sistemas, consultar dados e executar tarefas?

Marcos Custódio, CEO da Webpeak e especialista em arquitetura digital, pode analisar por que muitas organizações estão adotando agentes antes de definir permissões, níveis de autonomia e responsabilidades. Ele também pode abordar os riscos de conectá-los a CRM, e-mail e atendimento, além da importância da rastreabilidade, do controle de acessos e da aprovação humana.

Plataforma de IA transforma dados de marketing em diagnósticos para pequenas e médias empresas

Em um cenário em que as empresas investem cada vez mais em mídia digital, mas ainda enfrentam dificuldades para interpretar os resultados das campanhas, a startup brasileira **adSignal** chega ao mercado com uma proposta que acompanha uma das principais tendências da transformação digital: utilizar inteligência artificial para converter grandes volumes de dados em recomendações estratégicas, acessíveis e prontas para a tomada de decisão.

O lançamento acontece em um momento em que o mercado brasileiro de publicidade digital vive uma expansão acelerada. Em 2025, o setor movimentou R\$ 42,7 bilhões, um crescimento de 12,7% em relação ao ano anterior. Apesar desse avanço, a maior parte das pequenas e médias empresas ainda depende de planilhas, dashboards dispersos e análises manuais para entender o retorno dos investimentos em marketing digital e é justamente esse gargalo que a **adSignal** pretende resolver.

A **adSignal** conecta, em um único ambiente, informações provenientes do Google Ads, Meta Ads e Google Analytics

e utiliza inteligência artificial para interpretar automaticamente os indicadores de desempenho. Em vez de apresentar apenas gráficos e métricas, a solução identifica tendências, destaca mudanças relevantes, aponta oportunidades de crescimento, alerta sobre possíveis problemas e recomenda ações para melhorar os resultados das campanhas.

Segundo André Santos, fundador e CEO da **adSignal**, o desafio enfrentado pelas empresas nunca foi a falta de informações, mas a dificuldade em transformá-las em decisões estratégicas. "Os dados sempre estiveram disponíveis, porém distribuídos em diferentes plataformas. Nosso objetivo foi criar uma solução que reduzisse a distância entre a informação e a tomada de decisão. A inteligência artificial faz a leitura dos indicadores e entrega ao gestor aquilo que realmente importa para o negócio.", acrescenta.

Além de André, o projeto é conduzido por Lucas Pedroso, co-founder e CTO, responsável pela arquitetura da solução, e conta com a participação do co-founder

Alex Almeida, executivo com atuação comercial no mercado industrial.

Da consultoria para uma startup de tecnologia

A **adSignal** nasceu a partir de uma necessidade observada durante um projeto de consultoria em Business Intelligence. Mesmo com dashboards completos e grande quantidade de indicadores disponíveis, a equipe percebeu que muitos gestores continuavam inseguros para definir quais campanhas deveriam receber mais investimento ou quais ações precisavam ser revistas.

A conclusão foi simples: o mercado não precisava apenas de mais dados, mas de uma tecnologia capaz de interpretar essas informações de forma objetiva e gerar recomendações compreensíveis para qualquer gestor.

Foi dessa experiência que surgiu a plataforma, desenvolvida para transformar análises complexas em diagnósticos claros, reduzindo o tempo gasto na consolidação de informações e permitindo decisões mais rápidas e eficientes.

News@TI

Previdenciaria lança IA que organiza 1 milhão de decisões judiciais

@O Previdenciaria, plataforma de software especializada em Direito Previdenciário, lançou a maior atualização já feita em sua ferramenta de busca de jurisprudências. A novidade é uma camada de inteligência artificial construída especificamente para o dia a dia do advogado previdenciaria: o sistema analisa os resultados de cada pesquisa e os reordena por relevância, priorizando as decisões mais aderentes ao caso, mesmo quando a busca retorna milhares de julgados sobre benefícios do INSS, aposentadorias e revisões (<https://previdenciaria.com/>).

	José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editórias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.	Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes		ISSN 2595-8410	